

356 Sete presidenciáveis se mostram em Curitiba

Atendendo ao convite de empresários paraenses, sete candidatos expuseram ontem seus projetos de governo. E fizeram de tudo para não se encontrar.

A crise econômica foi o assunto preferido dos sete postulantes ao Palácio do Planalto que se apresentaram ontem, em Curitiba, a uma plateia de cerca de 800 pessoas, a maioria empresários, que se acotovelavam num dos mais freqüentados restaurantes de Santa Felicidade. Com pequenas diferenças de horário, eles foram desembarcando no aeroporto, e cada um mereceu uma recepção diferente. Mário Covas, do PSDB, conseguiu a maior empolgação: perto de 400 pessoas estavam à sua espera ao som de “Meu amigo de fê, meu irmão camarada”, o hino de sua campanha. Luís Inácio Lula da Silva, do PT; conquistou alguma euforia na Boca Maldita, o centro boêmio da cidade; Leonel Brizola, do PDT, passou a maior parte do tempo gravando entrevistas para a tevê — sempre com críticas duras ao concorrente do PRN, Collor de Mello, que não foi ao encontro.

Roberto Freire, do PCB, Ronaldo Caiado, que ainda não conquistou a legenda do PDC, Aureliano Chaves, do PFL, e Afonso Camargo, que ainda luta para ser o candidato do PTB, além de Covas, Brizola e Lula, levaram a Curitiba algum tipo de preocupação com os rumos da campanha — mas todos procuraram fazer o máximo para não se encontrar. O que acabou provocando uma inevitável mudança do programa que as equipes prepararam. Covas, por exemplo, teve que desviar o roteiro original para evitar um incômodo encontro com Lula na Boca Maldita.

O debate no restaurante começou logo pela manhã, com o líder da UDR, Ronaldo Caiado, que, com Lula, dividiu a euforia da plateia. Mas Caiado não apresentou o programa de 33 itens que promete divulgar dentro de 15 dias. Falou muito em “privatizar” e destacou como prioridade a atração de capital estrangeiro. Afirmou ser contra a suspensão do pagamento da dívida externa e propôs uma “internação da dívida”, além de criar pólos de desenvolvimento regionais por todo o País como forma de evitar o inchaço das grandes cidades. Brizola também não apresentou programa — e foi criticado por isso.

A empolgação da plateia pode ter ficado com Caiado e Lula, mas os aplausos mais calorosos foram conquistados por Covas, com sua idéia de transformar o Estado num “formulador de matrizes sociais capazes de encurtar distâncias entre os diversos segmentos”. Para chegar a isso, Covas aponta como primeira providência a retomada do desenvolvimento econômico a partir de investimentos da iniciativa privada, do Estado e do capital estrangeiro, ao qual a social-democracia quer oferecer um mercado forte com redistribuição de renda. Além disso, Covas acenou com a erradicação do analfabetismo no País. “Isso custaria 400 milhões de dólares ao ano, apenas 4% do que remetemos hoje para fora em juros da dívida externa.”

Afonso Camargo também não apresentou programa. Falou apenas em “enxugar a máquina pública federal”, mas não explicou como, da mesma forma que não disse como pretende “descentralizar decisões, encargos e rendas públicas”. Aureliano Chaves preferiu não detalhar seu programa por considerar isso “utópico”. Disse apenas que pretende controlar a inflação e promover a retomada do desenvolvimento econômico. Ainda ontem, num debate com empresários em Brasília, Aureliano chegou a se considerar como um dos mais fracos candidatos: “Se for eleito, o que é muito pouco provável, a primeira coisa que farei é combater a inflação”, disse ele, provocando um imediato constrangimento entre os políticos do PFL. Mais tarde, Aureliano explicou que sua declaração tinha apenas o objetivo de testar a reação da plateia. Um teste perigoso. “O empresariado brasileiro nunca vai apoiar alguém que afirma de público ter poucas chances”, reprovava o senador Albano Franco.

Roberto Freire, do PCB, começou sua apresentação falando logo em mudar o perfil da renda nacional que, segundo ele, hoje tem 70% destinados à remuneração de capital. Se eleito, diz que pode chegar até a estatizar os bancos, “se eles não deixarem de ser balcões para especulação com papéis”. Mas ressaltou que o socialismo é o “objetivo último” de sua pregação. Uma vez no Planalto, disse, seu governo seria uma “etapa democrática da construção do novo regime”.



Covas, em Curitiba: a retomada do desenvolvimento econômico, como primeira providência.